TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR

UNIASES

BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 200 JANEIRO A MARÇO 2021

Correspondência:
A. Carvalheira - UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel. 253 951 257
mail: uniases@sapo.pt

Diretor e Redação:
Alberto Ribeiro de Melo
Administração e Montagem:
Francisco da Cunha Pinto
Revisão:
José Gomes Ferraz

Propriedade:
União AA do Espírito Santo
Distribuição:
ASES
Periodicidade: Trimestral
Reg. ICS Nº 112314

Tiragem:
1670 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

AQUI ESTÁ O UNIASES 200

Sem dúvida que é um marco na vida da União dos AA do Espírito Santo.
Sem grande alarido, pé-ante-pé, eis que atingimos o duo-centésimo número do nosso UNIASES, o meio de comunicação mais lido entre os AA do Espírito Santo como meio de ligação, para quem assim o queira, e de informação que é possível transmitir. Mais e melhor, se todos colaborassem no empreendimento.
Para um melhor entendimento é conveniente olhar para trás e numa retrospetiva através dos tempos dar a co-nhecer os seus altos e baixos por que passou enaltecendo as diversas Direções da UNIÃO dos ASES que sempre o acarinharam mesmo nos momentos mais difíceis. Abnegação, dedicação/carolice seria adotado como se de um filho se tratasse sempre em prol do AA e da sua congregação/união.
Como todos sabemos, após longas controvérsias que se arrastaram por dezenas de anos, depois de conseguido a custo o aval dos Superiores da Congregação do Espírito Santo em Portugal, foi finalmente fundada a União dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo – União dos A.S.E.S – tendo como principais agentes o P. Fernando Moreira da Silva (durante muitos anos desempenharia o cargo de Assistente fazendo a ligação do AA com a congregação) e o Manuel Rodrigues Teixeira, - de Godim 1926 - (ainda estudante de Teologia) e que na altura trabalhava na Procuradoria das Missões, com o encardo de superintendência na gestão e publicação da «Acção Missionária», o que o levaria a ter uma certa vantagem na criação da Folha Informativa/Boletim dos ASES, «sendo adotada a Ação Missionária como órgão oficial da Organização», entenda-se a União dos ASES. (Vide Levados por um Sonho, de A. Luís Pinto da Costa, pág. 131)
«Iniciou-se, em 1962, a publicação do jornal União. Órgão dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo, suplemento da Ação Missionária. (Vide pág. 133, ibidem).
Nas pesquisas feitas posteriormente à obra acima referida nada encontrei a confirmar a existência de uma separata ou suplemento que referisse a vida associativa da UNIÃO dos ASES. Mas, no entanto, fazendo parte integrante da Ação Missionária no final dos anos de 1958, 1959 e 1960, no mês de Dezembro era dedicada à causa da UNIÃO dos ASES toda uma página, por sinal a antepenúltima, onde se dava conta da vida associativa, movimentos de tesouraria e Encontros/atividades, bem como o nome dos membros que constituíam os corpos sociais. Para ter acesso a tal, importava não só ler a Ação Missionária como ser seu assinante. Por se achar não ser razoável tal situação foi a mesma abandonada e entregue à sua sorte.
Assim, o verdadeiro nº.1 aparece em 1961 ao estilo de uma circular, feita em tipografia, dirigida à União dos ASES, a comunicar um duplo encontro, um na Torre d'Aguilha outro no Fraião, marcados para 11 de junho desse ano. No encontro da Torre d'Aguilha, foi aprovada a deliberação da criação de um pequenino jornal de duas folhas (Vide pág. 132, ibidem) com quatro números anuais.
De simples desdobrável, assumindo a princípio a forma/conteúdo de mera circular informativa, impressa em stencil, este órgão de comunicação tomou a forma de revista e, por fim, a de boletim tal como a recebemos ou lemos em casa, no escritório… A partir do nº. 67, que saiu com o título de "UNIÃO", e depressa abafado por existir na imprensa regional escrita um jornal com esse mesmo nome, de imediato corrigido e alterado o seu nome para UNIASES (números de 68 a 77) em formatos de revista, passando a receber o título de UNIASES, tal como o conhecemos no atual formato de boletim/jornal, a partir do n.º 78, no ano de 1989, com 16 páginas e editado trimestralmente.

(Continua na pág. seguinte) >

Na ocasião da celebração das Bodas de Ouro, os números 149 a 156, nos anos de 2008 e 2009, foram impressos a dourado, tendo como pretexto a efeméride comemorativa do cinquentenário da UNIASES.
A constante mudança de nome do órgão do meio de comunicação revela duas características: a marca deixada pelas sucessivas Direções e o amadorismo dos seus redatores.
De simples desdobrável a princípio, ganhou a forma de revista e, por fim, a de boletim. (Vide pág. 138/9, ibidem) sempre direcionado aos Antigos Alunos dos Seminários (e/ora dos Colégios) do Espírito Santo.
Com o registo público da Associação em 28 de outubro de 1985, passou a mesma a denominar-se "União dos Antigos Alunos do Espírito Santo" e o UNIASES passa a ser referido como o seu Boletim. Começamos com 200 cópias por número e atingimos os dois milhares no presente, cerca de 1650 enviadas pelos CTT, com portes, a que acrescem 350 pela via digital em modo PDF.
Damos corpo e alma ao articulado no artigo 4º e) dos nossos estatutos e continuaremos a publicar o tal órgão de informação e ligação entre os associados caso a saúde (fraca) nos vá permitindo fazê-lo. Embora não venha mencionada a periodicidade… vamos tentando manter a sua trimestralidade.

Fazemo-lo com gosto e muito carinho. Pedimos não só que o leiam, mas também uma colaboração mais atuante e profunda para seu enriquecimento. Há que colocar os talentos recebidos a render, dando cada um aquilo que puder, o nosso UNIASES está aí para durar. Aos habituais colaboradores, o nosso sincero e grande agradecimento.

Alberto Melo
Direcção

A INVENÇÃO DA ESPERANÇA!

Vivemos uma situação sanitária que torna penosas as relações humanas e coloca sob suspeita todos os nossos contactos, suspendendo, por isso, a vida comunitária nas suas diversas dimensões: social, profissional, cultural e religiosa, pela possibilidade real de cada um de nós ser vítima e transmissor deste inimigo invisível...
E os que partilham o mesmo tecto, na trama das relações familiares, não deixam de ter a mesma percepção, pois não há risco zero e o vírus não se faz anunciar…, apenas podemos saber onde está ou esteve. Resta-nos limitar ao máximo as possibilidades e quebrar as cadeias de transmissão.
Pela primeira vez na história, a humanidade está toda do mesmo lado e percebe melhor que viaja no mesmo barco. O inimigo globalizou-se e nenhum de nós se pode defender ou salvar sozinho! Dramaticamente, damo-nos conta que ninguém é indiferente a ninguém, pois todos podemos ser parte do problema.
Até agora, os conflitos colocavam-nos uns contra os outros, fazendo aumentar a corrida a armas cada vez mais sofisticadas para enfrentar e destruir o outro, visto como inimigo. Nesta nova batalha, o armamento produzido de pouco ou nada serve, tornando risíveis os ódios acumulados e as somas astronómicas de dinheiro gasto!
Há, no entanto, para memória futura, uma advertência do tamanho do mundo que importa considerar atentamente: se um dia algum louco se atrever a usar armas biológicas..., ninguém ficará de fora, todos serão atingidos. Já temos a prova! Este vírus, que não tem exército nem precisou do nosso arsenal bélico, tem um enorme poder de disseminação e conseguiu o impensável, nunca antes visto: suspendeu a vida do planeta, em múltiplas dimensões, colocando-nos a todos sob "prisão domiciliária".
Paradoxalmente, o planeta agradeceu pela trégua que lhe demos: o ar das cidades tornou-se menos poluído, a fauna e a flora recuperam espaço, fazendo-nos ver que é possível um futuro mais saudável para todos, se cuidarmos melhor uns dos outros e da nossa casa comum. Temos de ser parte da solução.
Estamos a começar a Quaresma. Ela contém em si o convite à renovação da vida, pela identificação dos "vírus" que fazem adoecer a nossa relação com Deus, uns com os outros, connosco mesmos e com o meio ambiente: importa dar-lhes a devida atenção, pois deste trabalho urgente e exigente depende a qualidade da nossa vida pessoal e familiar, social e eclesial.
Que este tempo quaresmal nos permita confinar o que nos desumaniza, por destruir laços de confiança e solidariedade entre gerações e enfraquecer a capacidade de lutar pelo bem de todos cujo valor maior é a vida, ameaçada pela nossa indiferença e/ou egoísmos instalados, e desvalorizada pela lógica dos interesses em conflito, as ideologias dominantes e os jogos de poder.
Contudo, olhando para o escândalo da cruz, onde Cristo, vítima inocente, se entrega livremente pela Humanidade, descobrimos o amor misericordioso de Deus Pai, mais forte que a morte, pois, ao ressuscitar o seu Filho, revela ao mundo inteiro a "vacina" que nos salva e oferece, aos que n'Ele creem, o "princípio ativo", capaz de reinventar a nossa esperança e renovar todas as coisas: o Espírito Santo!
Eis o dom que Deus faz de Si mesmo aos baptizados e, de uma forma a nós desconhecida, a todas as pessoas de boa vontade para que tenham vida nova os nossos dias e dias sem ocaso as nossas vidas. Acolhamos o Dom que vamos celebrar.

P. Armindo Janeiro
(Presidente da Direção da UASP)
- ASDLeiria

SOLTAS E BREVES

Alberto Melo - Godim 1955

NOVO ENDEREÇO DE E-MAIL DA UNIASES: UNIASES@SAPO.PT

Por diversos incómodos, por vezes difíceis de contornar, somos forçados a retirar do "servidor" portugalmail o nosso endereço eletrónico de correio ases@portugalmail.pt, que é para esquecer a partir da presente data. Toda a correspondência (artigos para o Uniases, comprovativos de transferências bancárias, etc… etc…) a ser envida por e-mail deverá a mesma ser enviada para este novo endereço, agora criado: **uniases@sapo.pt**. Se por equívoco for enviado para o anterior ases@portugalmail.pt receberá um aviso de que nada foi entregue ou algo de semelhante. Repetir com o novo endereço torna-se imperativo. Por favor reportar dificuldades que possam surgir.

MAGNA 2021

Parece que sairão furados os cálculos da data para a realização da AG MAGNA que vem sendo adiada desde o ano de 2020. Esperava-se que a mesma se pudesse realizar em 30 de maio de 2021, Domingo da SS Trindade, como fora sugerido. Sucessivos confinamentos/desconfinamentos/confinamentos e de permeio certos estados de possível emergência, levam-nos a estar prevenidos para o que der e vier: "cautela e caldos de galinha…" Não gostaríamos de ser apanhados nas curvas.

Por trás de uma MAGNA há toda uma logística que importa montar de modo a reunir as condições necessárias para um considerável número de presenças e não uma meia dúzia de gatos-pingados. Depois ainda há o almoço a servir. Quantos? Não podemos ficar pela indefinição até à última da hora.

Assim e mais uma vez será a AG MAGNA adiada até que a Mesa da Assembleia se decida por nova Convocatória para 2022 ou antes, se necessária e em boas condições.

Sem nada de especial sobre atividades desenvolvidas no ano de 2020, o Tesoureiro apresentará, para conhecimento geral, o RELATÓRIO DE CONTAS de 2020.

LAMPREIA

Para alguns privilegiados que vivem junto a zonas ribeirinhas onde se apanha e confeciona a lampreia com todos os saberes e sabores, informamos que, este ano, o pitéu é em casa e através do "Take-away". Aguardamos com ansiedade a libertação final para dar aso a requintes gastronómicos. Para quem aprecia, claro!

LAR ANIMA UNA

Após intervenção cirúrgica, o nosso mais do que centenário **P. José Maria de Sousa**, para continuação de serviços médicos e assistência de recuperação, baixou ao Lar Anima Una, no Fraião. Rápidas melhoras, e como gostamos de o ter no nosso meio com aquela jovialidade de espírito que sempre demonstra quando tal acontece!

PRESIDENTE ALBERTO MELO

O seu estado de saúde tem-se complicado. Foi com enorme esforço que preparou este Uniases que nos diz ser o seu "último". Pedimos ao Senhor a recuperação da saúde e da sua alegria de viver. O nosso obrigado por todo o empenho, saber, dedicação e amor que sempre tem dedicado à nossa Associação. FCP

APELO DO CEPAC

Considerando o acesso à educação como direito humano e direito fundamental, não deve ser negado a qualquer criança que resida em Portugal a possibilidade de aprender.

Com o contributo e colaboração da família Espiritana e amigos do CEPAC já conseguimos angariar e preparar 12 computadores. Faltam 24! Queremos contribuir para a inclusão e aprendizagem destas crianças imigrantes que não sendo abrangidas pela Ação Social Escolar não têm acesso a computadores.

Se puder colaborar basta contactar o CEPAC através dos telefones **213 973 030 / 962 979 900** ou do email: ***geral@cepac.pt*** ou através da UNIASES: ***uniases@sapo.pt***

Se tens encalhado no sótão algum equipamento (hardware/Microcomputador) ou em vias de te desfazeres dele, lembra-te do CEPAC. Requisitos mínimos do equipamento para instalação do ZOOM: Processador 2 GHZ; RAM 4 GB, altifalante, Web Camera, Sistema Operacional WINDOWS 10, 8, 7.

COLABORAÇÃO COM O CEPAC
NIF 503 007 676

UMA AJUDA QUE NÃO CUSTA NADA E SEM CUSTOS PARA O CONTRIBUINTE.

Sabia que pode contribuir para a acção e obra do Centro Padre Alves Correia (CEPAC) com o seu IRS sem pagar mais por isso? O Estado permite que 0,5% do(s) seu(s) imposto(s) liquidado(s) reverta(m) directamente a favor de uma Instituição de Utilidade Pública que prossiga fins de beneficência e sem fins lucrativos, como é o caso do CEPAC, consignando 0,5% do seu IRS.

Para tal, basta que assinale no Modelo 3, **Rosto**, **Quadro 11**, as suas opções e selecione o **Campo 1101** com o NIF **503 007 676**

33ª VIAGEM PASTORAL DO PAPA FRANCISCO

NO IRAQUE, COMO ABRAÃO, SEM MEDO!

Tony Neves CSSp, em Roma

Os olhos do mundo voltaram-se para o Iraque, de 5 a 8 de março. O Papa, remando contra ventos e marés, deixou o conforto romano para abraçar um povo mártir, vítima de guerras, terrorismo e toda a espécie de discriminações. Tornava real um sonho papal antigo, pois já João Paulo II fez tudo o que podia para pisar a terra natal do Pai Abraão. Esta visita é um livro aberto sobre justiça, paz e diálogo entre religiões.

Ur, na Caldeia (hoje em território iraquiano) é, segundo a Bíblia, a terra onde Abraão nasceu. Ouviu uma voz divina que o desinstalou, obrigando a deixar todas as seguranças e partir para terra incerta. No convite divino estava a fundação de um grande povo. Velho e sem filhos da sua esposa (Sara), acreditou na força desta promessa, teve a ousadia e a coragem de seguir a voz de Deus. Assim nasceria o povo de Israel, assim se tornaria hoje no 'Pai' das três grandes Religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Por isso, Abraão é elo de união para um sério diálogo entre os crentes destas Religiões. Daí o impacto da visita do Papa.

VIAGEM ARRISCADA

A notícia desta viagem pastoral (a nº 33) foi recebida com um misto de sentimentos, dado ser a primeira para um Papa e atendendo ao momento delicado que o Iraque hoje vive. Claro que se junta a tudo isto o drama da covid. Derrotando os mais incrédulos, o Papa anunciou que ia e foi. Apresentou-se como 'peregrino da Paz' e, nos dias que antecederam a viagem, pôde-se ver a beleza dos cartazes espalhados pelo Iraque a anunciar o evento e a dar as boas vindas. Foi impressionante, à escala do planeta, a quantidade de textos publicados nos diferentes media e redes sociais. Em geral, todos consideravam a viagem de uma enorme coragem e importância simbólica e política. O Iraque sofreu a invasão liderada pelos americanos que derrubou Saddam Hussein (2003), a que se seguiria uma cruel guerra civil (até 2017), com massacres atrás de massacres, quase todos da autoria do Estado Islâmico.

PELA PAZ, CONTRA OS EXTREMISMOS

E, claro, neste contexto de extremismo, as pequenas (mas historicamente antigas e bem enraizadas) comunidades cristãs foram quase arrasadas. De 1,5 milhão dos cristãos existentes antes de 2003, sobreviveram apenas no território cerca de 250 mil (20%)! A visita do Papa também foi importante para confirmar na fé estas comunidades. Por isso, a primeira visita de um Papa – disse-o o Bispo D. Samaan – é 'sinal de que não estamos sós, o Papa e a Igreja nos querem bem e isso nos basta!'.

Acolhido com um banho de cultura iraquiana em Bagdad, a 5 de março, o Papa encontrou-se com o Presidente da República, governo e diplomatas. Disse-lhes: 'a diversidade religiosa, cultural e étnica, que há milénios carateriza a sociedade iraquiana, é um recurso precioso de que lançar mão, e não um obstáculo a ser eliminado. Hoje o Iraque é chamado a mostrar a todos, especialmente no Médio Oriente, que as diferenças, em vez de gerar conflitos, devem cooperar harmoniosamente na vida civil'. Pediu: 'Dê-se voz aos construtores, aos artífices da paz, aos humildes, aos pobres, ao povo simples que quer viver, trabalhar, rezar em paz! Chega de violências, extremismos, fações, intolerâncias! Dê-se espaço a todos os cidadãos que querem construir juntos este país, no diálogo, no confronto franco e sincero, construtivo'.

CRISTÃOS CORAJOSOS

Depois, encontrou Bispos e outros responsáveis católicos na Catedral Sírio-Católica de N. Sra da Salvação onde, em 2010, morreram mais de 50 pessoas num ataque suicida durante a Missa. O Papa evocou o zelo pastoral que vem dos primeiros séculos da Igreja e apresentou a esperança como vacina para os difíceis tempos que se vivem. Sobre a Missão, o Papa reconheceu o mar de dificuldades em que os cristãos iraquianos vivem – e prestou homenagem às vítimas do terrorismo -, mas deu lugar ao futuro, porque 'Cristo é anunciado sobretudo com o testemunho de vidas transformadas pela alegria do Evangelho'. Insistiu: 'Que o vosso testemunho, amadurecido nas adversidades e fortalecido pelo sangue dos mártires, seja uma luz que resplandece dentro e fora do Iraque'.

NA 'CASA' DO PAI ABRAÃO

No dia seguinte, o Papa e o Ayatolah Al-Sistani encontraram-se durante quase uma hora em Najaf, lugar sagrado dos muçulmanos xiitas, tal como Meca e Medina. Al Sistani, com 90 anos, é figura muito respeitada e escutada, sendo um defensor público de eleições livres e opositor declarado ao Estado Islâmico. Como já o fizera em tempos de perseguição, este Ayatolah voltou a pedir paz e segurança para os cristãos. O Papa agradeceu a lucidez, a abertura e a coragem deste líder muçulmano.

A comitiva Papal rumou à planície desértica de Ur (terra natal de Abraão) para o encontro Inter-Religioso, entre 'sinos e minaretes', como definiu o P. Thabet este momento histórico. Após testemunhos e intervenções, o Papa pediu para todos seguirem na peugada de Abraão que 'daqui partiu para uma viagem que mudaria a História'. É urgente olhar as estrelas, peregrinar em direcção aos outros, ou seja, 'adorar a Deus e amar o próximo'. É decisivo que todos 'respeitem e reconheçam a liberdade de consciência e a liberdade religiosa'. Propôs acabar com o terrorismo e trocar armas por alimentos. Lembrou que o dinheiro não pode estar ao serviço da comodidade de uns poucos. Há que curar as feridas do passado, abrir novos caminhos de fraternidade (a vacina do futuro) e de uma paz 'sem vencedores e sem vencidos', sem inimigos, apenas com irmãos. As pessoas não valem pelo que têm, mas pelo que são. Há que dar vez e voz aos jovens. O sonho de Deus é que 'a família humana se torne hospitaleira e acolhedora para com todos os seus filhos; que, olhando o mesmo céu, caminhe em paz sobre a mesma terra'. No fim, todos rezaram a oração dos filhos de Abraão.

CONFIRMAR OS CRISTÃOS NA FÉ

De regresso a Bagdad, o Papa celebrou Missa na Catedral Caldeia de S. José. Disse na homilia que, para Deus 'não é maior quem tem, quem pode tudo, quem é aclamado'. Apelou ao testemunho corajoso em contexto de pobreza e adversidade porque 'é assim que se muda o mundo: não com o poder nem com a força, mas com as Bem-Aventuranças'. Amor, paciência e sabedoria são as chaves da salvação.

O domingo foi denso e intenso. O Papa visitou a cidade mártir de Mossul e, na praça da Igreja destruída pelo estado islâmico em 2014, fez uma oração de sufrágio pelas vítimas da guerra, citando os dois símbolos da cidade que 'testemunham o perene desejo da humanidade se aproximar de Vós: a mesquita Al-Nouri com o seu minarete Al Hadba e a igreja de Nossa Senhora do relógio'. Disse antes: 'reafirmamos a nossa convicção de que a fraternidade é mais forte que o fratricídio, que a esperança é mais forte que a morte, que a paz é mais forte que a guerra. Esta convicção fala com uma voz mais eloquente do que a do ódio e da violência; e jamais poderá ser sufocada no sangue derramado por aqueles que pervertem o nome de Deus ao percorrer caminhos de destruição'.

A HORA DE RECONSTRUIR

Depois seguiu para Qaraqosh, onde são visíveis 'os sinais do poder destruidor da violência, do ódio e da guerra'. Ali se encontrou com a comunidade cristã sobrevivente. Confessou o Papa: 'Quando chegava de helicóptero, vi a estátua da Virgem Maria sobre esta igreja da Imaculada Conceição e confiei-Lhe o renascimento desta cidade. Nossa Senhora não só nos protege do Alto, mas, com ternura materna, desce até junto de nós. Aqui a sua estátua foi danificada e espezinhada, mas o rosto da Mãe de Deus continua a olhar-nos com ternura. Porque é assim que fazem as mães: consolam, confortam, dão vida'. Na Oração do Angelus, ao meio dia, lançou um desafio: 'Agora é o momento de reconstruir e recomeçar'. Esta visita concluiu com a Eucaristia, presidida pelo Papa no Estádio Franso Hariri, em Erbil. Junto ao altar, estava a imagem de Nossa Senhora de Karemlesh que foi vandalizada pelos terroristas. Mais de dez mil pessoas, o máximo permitido pelo contexto pandémico, marcaram presença. Ali se passeou a diversidade cultural do povo iraquiano. O Papa, na homilia, insistiu na paz como fruto da reconciliação, da liberdade e da fraternidade. Concluiu: 'Cristo, Bom Samaritano da humanidade, deseja ungir cada ferida, curar cada recordação dolorosa e inspirar um futuro de paz e fraternidade nesta terra'. Confessou ao povo as razões que o levaram ao Iraque: 'para vos agradecer e confirmar na fé e no testemunho. Hoje, posso ver e tocar com a mão que a Igreja no Iraque está viva, que Cristo vive e age neste seu povo santo e fiel'.

COM O IRAQUE NO CORAÇÃO…

Na manhã de 8 de março, o Papa despediu-se e regressou feliz a Roma. Durante três dias, Francisco confirmou o lema da visita, 'Sois todos irmãos', e fortaleceu os cristãos na fé e coragem do testemunho em contexto adverso. Nesta viagem contra o fanatismo, o fundamentalismo, a intolerância, a violência e o crime em nome de Deus, defendeu a importância da paz, do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Depois de um tão longo inverno, o povo iraquiano espera o despertar da primavera. O Papa foi lá abrir portas à esperança num futuro de reconciliação e liberdade, numa visita que foi bálsamo para as feridas de um povo. Garantiu: 'Parto com o Iraque no coração!'

Aguardamos o que vem a seguir…

O NEGRILHO DE TORGA

Alberto Melo

Em "Correspondência Recebida", (UNIASES n.º 199), chamou-me a atenção o relato que faz José da Costa Machado por ocasião de uma viagem feita pelo seu Alto Douro Vinhateiro, em tempo de descompressão e lazer, ao referir que "em S. Martinho de Anta/Sabrosa tens o bronze e a raiz para te debateres com olhares de costas voltadas". Aludindo a uma pretensa homenagem a Miguel Torga perante o tronco de um negrilho (ulmeiro) que personificava o poeta que se revia naquela árvore, afinal era o poeta.

Palavras como negrejar, negrume, negrófilo, têm na base da sua etimologia a palavra latina niger (nigrum) que nos conduz de imediato ou traz consigo a tradução portuguesa de algo que significa preto, escuro. E negrilho? Tem a sua origem em negro a que se junta o sufixo de valor diminutivo ilho, (demasiado simples em meu modesto entender). Em Trás-os-Montes, revestido de um certo regionalismo popular, é um nome dado a uma árvore, o ulmeiro ou olmo.

À primeira vista, aqueles atributos que indicam uma tonalidade escura ou muito escura parecem ter-se perdido. Indo ao cerne da questão, verifica-se que sob o seu tronco se encontra uma madeira castanho-escuro, suporte de toda a estrutura da árvore. Talvez aí resida a razão de ser conhecido como negrilho, aliás bem confinado a determinadas regiões de Trás-os-Montes, no distrito de Vila Real.

Vejamos o que nos diz o dicionário da Texto Editores: s. m, negro de pouca idade, variedade de tecido antigo, de lã preta; ulmeiro de tronco estriado castanho-escuro, e exigente em água, surgindo em vales e zonas com o lençol freático superficial.

De longa longevidade, podendo atingir algumas centenas de anos ao longo do seu período de vida. No seu auge é bela e frondosa, esbelta… (niger sum sed formosus…), de grande importância ornamental e fornecedora de madeira de boa qualidade, resistente, flexível e fácil de ser modelada.

À data de nascimento, em 12 de agosto de 1907, nascia em S. Martinho de Anta/Sabrosa, o menino Adolfo Correia da Rocha que, anos mais tarde, em 1934, adotaria o pseudónimo de Miguel Torga, em homenagem a dois grandes vultos da cultura ibérica: Miguel Cervantes e Miguel de Unamuno; a Torga é uma planta brava da montanha que ganha raízes fortes agarrando-se firmemente ao solo onde se encontra.

Na juventude de Miguel Torga já existia naquela praça com toda a sua imponência, rei e senhor daquele espaço nobre com olhar sobranceiro e conhecendo os seus frequentadores, furtivos e residentes. Entre Torga e o seu negrilho criar-se-ia uma empatia que, a par e passo, fazia dos problemas e inquietações de um e outros.

Dois motivos são apontados para o desaparecimento desse Negrilho ou por obras de requalificação do largo que cercearam as linhas de água que o alimentavam ou devido a uma grande doença provocada por um fungo disseminado por escaravelhos que em muito contribuiu para uma doença drástica. O Negrilho não resistiria; estiolou, definhou, até que feneceu.

A praga de filoxera tem condenado os olmos negros – ou negrilhos, como são conhecidos popularmente –, que estão hoje praticamente extintos na nossa paisagem.

A árvore centenária atacada, acabou definhando, já o poeta se abeirava do fim dos seus dias. Esperou ainda ver plantado, naquele mesmo largo, um outro negrilho, e tentou fazê-lo, para que as gerações futuras pudessem conhecer esse modo de ver descer a noite do céu, ou ver erguer-se a madrugada, com o sol a acender-se. Mas o novo negrilho não vingou. Torga manteve com a árvore o diálogo de uma admiração amadurecida, e imortalizou-a ao seu jeito, falando num "redil de estrelas ao luar maninho", de um "gigante a sonhar, bosque suspenso/ onde os pássaros e o tempo fazem ninho".

A junta de freguesia de São Martinho de Anta, vila natal de Miguel Torga, gerou polémica ao "profanar" a raiz centenária de um negrilho que foi como um amigo de infância do poeta, e que este imortalizou nos seus versos como afirmaria Clara, filha de Torga.

Decorria o ano de 2020, na comemoração dos seus 113 anos, se fosse vivo. Do frondoso e confidente Negrilho restavam apenas a base de tronco apodrecido e umas raízes quase a desfazerem-se. Recolhido o espólio, a autarquia de S. Martinho de Anta encomendou ao escultor 'Óscar Rodrigues, o menos culpado pela celeuma levantada, o rosto do escritor transmontano, uma intervenção tornada conflituosa e pouco consensual…

À semelhança dos MEMORIAIS erigidos em homenagem por locai por onde Torga espalhou o dom da sua escrita, como no concelho de Arganil onde exerceu a Medicina como profissional; outro em Coimbra, onde era residente até à hora da morte (17 de Janeiro de 1995) à entrada da Ponte de Santa Isabel.

E em S. Martinho de Anta? Nada? Uma simples carantonha digna de um corso folião de entrudo? Muito pouco. Uma provocação. Tão cúmplices que eram, Torga e o Negrilho, nas suas relações. Este que vira aquele partir para o Seminário de Lamego por fugaz espaço de tempo, passar-se ao Brasil para tentar riquezas, regressar e ser agraciado com a solidão da prisão por manifestas ideias políticas contra o Estado Novo.

Por fim, formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra… escreveu uma vasta obra da literatura do século XX…

Adolfo Correia da Rocha, conhecido pelo pseudónimo Miguel Torga, foi um dos mais influentes poetas e escritores portu-

gueses do século XX. Torga destacou-se como poeta, contista e memorialista, mas escreveu também romances, peças de teatro e ensaios.
A sua campa rasa em São Martinho de Anta, ao lado de sua esposa (Andrée Crabbée – 2003) tem uma torga plantada a seu lado, em honra ao poeta que em S. Martinho de Anta se lançou na aventura da escrita.
Para época de possíveis confinamentos, recomendamos a iniciação à leitura das obras de Torga. Para quem já se embrenhou, deixamos aqui o seu poema A um Negrilho para um maior aprofundamento desta cumplicidade em que ambos (Negrilho e Torga) são os poetas.
Esta a homenagem a ser feita a um escritor: Ler e dar a ler; assim se abafará a malfadada estatueta como de uma efémera homenagem se tratasse. Impunha-se um memorial em megalítico granítico gravado profundamente em letras de ouro transmitindo vida a Torga e ao seu Negrilho.

A um NEGRILHO

Na terra onde nasci há só um poeta
Os meus versos são folhas dos seus ramos.
Quando chego de longe e conversamos,
É que ele me revela o mundo visitado
Desce a noite do céu, ergue-se a madrugada,
E a luz do sol aceso ou apagado
É nos seus olhos que se vê pousada.

Esse poeta, és tu, mestre da inquietação
Serena!
Tu, imortal avena
Que harmonizas o vento e adormeces o imenso
Redil de estrelas ao luar maninho.
Tu, gigante a sonhar, bosque suspenso
Onde os pássaros e o tempo fazem ninho!

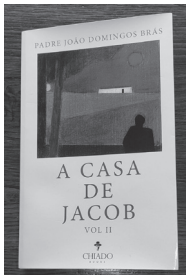
(*Miguel Torga*)

ESCAPARATE

Alberto Melo - Godim 1955

A CASA DE JACOB

João Domingos Morais Brás



Acabou, há dias, de ser publicada pela CHIADO BOOKS, em papel e em formato digital, a obra A CASA DE JACOB.
A CASA DE JACOB é uma obra em 3 volumes da autoria de Bruno da Solidão, pseudónimo do Padre João Domingos Morais Brás, natural de Almofala (Castro Daire/Viseu), falecido a 30 de dezembro de 2019, com 58 anos de idade, sendo pároco de S. Vicente de Alcabideche, em Cascais.
Essencialmente, uma obra de carácter autobiográfico intercalada por reflexões de teor espiritual, retrata a vida de Jacob (Padre João Brás) desde a sua infância, vivida na terra natal (Almofala), até à passagem por vários Seminários da Congregação dos Missionários do Espírito Santo (Godim/Régua - 1972 a 1974; Fraião/Braga - 1974 a 1977; Silva/Barcelos - 1977 a 1980; Fraião /Braga - 1980 a 1984) e também pelo Seminário Diocesano dos Olivais/Lisboa (1984 a 1990) que o levariam à vida sacerdotal
Trata-se de uma obra de leitura contagiante que nos abre as portas de alguns Seminários dos anos 70/80, sobretudo os da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, e nos mostra detalhadamente as vivências de um seminarista, Jacob, e dos seus companheiros, cujas vidas ficarão marcadas definitivamente em várias dimensões.
Com prefácio de Sua Eminência, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, que felicita «a iniciativa da publicação, porque nos oferece o quadro sólido dum percurso muito ilustrativo de décadas marcantes do ponto de vista sociocultural, pessoal e eclesial». Diz ainda: «Estou certo de que muito do que nos conta se aproxima do que viveram colegas seus de sacerdócio, regular ou secular, e lhes pareça também próprio.
(...) Desde que o conheci até ao fim dos seus dias, vi-o sempre assim, mesmo quando nos últimos meses a doença lhe alterou drasticamente a vida. Era o mesmo João, de Almofala a Godim, aos Olivais ou a Alcabideche. Nunca se alterou à superfície porque a raiz era sólida e duradoura.
(...) Admirei-me sobretudo com os trechos do tempo nos Olivais, onde o acompanhei como formador. Fixou e reteve com muita exatidão acontecimentos, celebrações e partilhas espirituais, pastorais e humanas. Quem quiser um retrato vivo do que aconteceu num Seminário, que se procurava adaptar à mudança dos tempos, permanecendo idêntico no essencial da proposta formativa, encontrará neste livro um guia muito certo e seguro. Como seguro acabou por ficar o Padre João Brás, nas suas convicções e decisões. Com redobrada gratidão, agradeço muito o que viveu e nos ofereceu nestas linhas. Não são póstumas, porque não morrem.»
A obra é constituída por três volumes: o volume I com 632 páginas; o volume II, com 710 e o volume III com 584.
Poderão ser adquiridos em formato de papel pela quantia de 17,00€ cada volume ou em formato digital, pelo preço de 5,00€ cada volume.
A obra poderá ser encomendada em Chiadobooks.com / Livraria / Viagens na Ficção/ A CASA DE JACOB.
(Os residentes na área da Grande Lisboa poderão entrar em contacto com o irmão do Padre João (José Brás - Tlm. 964 345 870 - e adquirir a obra.)

NR; Colaboraram no acabamento e difusão da presente obra seus amigos e condiscípulos do Curso de 1972/73 no Seminário dos Missionários do Espírito Santo em Godim/Régua: António Sarmento Dias (V. P. de Aguiar), Casimiro Teixeira Varandas (Macedo de Cavaleiros) e José Manuel Cabral Coelho (Vilar Formoso).

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo

QUOTAS

O Tesoureiro esfrega as mãos de contentamento. Mesmo em tempo de confinamento o fluxo de tesouraria não esteve parado. Registamos aqui o nome desses bravos que não esquecendo as suas obrigações de associado são exemplo para muitos esquecidos ou que não se preocupam. "Sem ovos não se fazem omeletes". Aqui vai a relação possível de quem, nestes dois primeiros meses do ano, nos fez chegar o seu contributo:

Ângelo Pereira Sarmento – GG37; António Albérico Meireles – G45; P. João Baptista Silva Gomes – G45; João Gomes Ramos – G48; José Conceição Silva – G50; Miranda Gregório – G54; Joaquim J Azevedo Moreira – S55; Manuel Martins Barbosa – V56; P. José Peixoto Lopes – V58; Fernando Teixeira Cardoso – G62; Manuel Arrais de Faria - V66; António M Durães Barbosa – V67.

Perdão, se saltei por cima de alguém!

P. Pedro Fernandes, Sup. Provincial

Recebi e agradeço muito. Parabéns pelo excelente trabalho e empenho.

Renovo também os meus votos de um excelente e fecundo 2021.

Se há aqui alguém que deva estar agradecido é a União dos Antigos Alunos do Espírito Santo (UNIASES) pois nunca nos foi regateada qualquer colaboração junto das instâncias superiores da Congregação. Assim tivesse sido sempre ao longo dos anos da existência da União. Saber que somos desejados, dá-nos alento a prosseguir.

Obrigado

António Albérico Meireles G45

Nos seus 88 anos escreve-nos dizendo que está prestes a complementar-se o fim do meu tempo. Ninguém é senhor do seu tempo, amigo Meireles. Fazemos força para que Ele te dê forças até ao fim.

O que passou, passou. A respeito do "pedido pontual" que superaste, não importa o nosso apoio material, que até poderia ter sido maior, mas que tenha sido superado com a graça de Deus.

Desejamos as melhoras de tua esposa que está acamada, mas bem assistida pela fé e esperança e carinho dos que a rodeiam.

"O Tempo no Tempo", poesia que nos enviaste, publicá-la-emos logo que nos seja possível.

Paz e Esperança!

Armando Afonso Moreira G49

Erros de paralaxe quem os não tem, caro amigo, Afonso Moreira? Perdoe-me a intimidade, por certo que não me conhecerá pessoalmente. Fui um dos resistentes àquele dia de invernia em que Inaugurámos o memorial em honra de seu irmão, em S. Tomé do Castelo. Milagre dos milagres, nem uma gota enquanto decorreu a celebração.

O que pretendemos eliminar é única e simplesmente o endereço de e-mail "ases@portugalmail" com o qual estamos a sentir vários problemas.

Só peço que não acabem com o UNIASES. Se precisarem de Ajuda, informem.

"Vade retro" tal pensamento. Comemoramos o nosso 200º número de edição. Vai uma pequena nota sobre a efeméride.

Aos altos e baixos, ora assobiando ora soluçando, lá vamos fazendo a "entrega da carta a Garcia".

Mais do que a monetária, precisamos da colaboração de todos na construção dos artigos. O UNIASES é de todos e para todos os AA do Espírito Santo.

Pergunto aos oráculos: onde estão aquelas doutas sumidades formadas em Humanidades/Letras que nada contam e nada dizem/escrevem? Preguiça ou indiferença? Do menos, o menos mal: seja por preguiça.

José Conceição Silva G50

Folhear o boletim é como abrir, com interesse e prazer, uma janela para a nossa juventude. Passados mais de sessenta anos, vai sendo raro. De vez em quando vejo passar figuras que me foram mais próximas, com quem convivi.

Obrigado pelo vosso tempo e esforço que dedicam à Família ASES.

Fazemos o que podemos. Foi sempre nossa meta congregar os Antigos Alunos dando-lhes conta e informação do que entre nós se vai passando, pelo melhor e pelo menos bom.

António Miranda Gregório G54

De Aurora Gregório recebemos nota de transferência bancária com a seguinte mensagem: para a vossa UNIÃO que tanto estimo.

Os nossos agradecimentos.

P. Eduardo Guedes Osório G54

Acusa a receção e agradece o envio do UNIASES 199.

A todos, desejo um ano com muita saúde e alegrias pelo bem que ides espalhando por esse mundo fora.

Em nome de todos, os nossos agradecimentos.

Joaquim José Azevedo Moreira S55

Recebi o 199, muito bem composto. Destaco o texto do Cachada, os textos do Machado, o conto e o soneto, um clássico na atualidade. E os mortos, que tristeza, o Saldanha, o padre Ribeiro Loureiro cujo irmão, padre Adélio, foi levado pela UNITA e nunca mais foi visto, o padre Pires que todos recordamos dos gloriosos tempos do Fraião.

Agradecemos a tua generosa participação nas causas espiritanas anunciadas em jeitos de solidariedade; suponho que tudo se desenrolou como pretendias e foram contempladas as Irmãs Espiritanas e o CEPAC. Julgo que o Tesoureiro mexeu já os cordelinhos e não deixou pontas de fora. Obrigado.

José A Cardoso Veiga G55

Sabíamos do teu jeito e do teu gosto pela fotografia, já o havias demonstrado nos tempos dos efusivos encontros na Cooperativa Militar e nas margens do Tejo lá para as bandas da Azambuja. Ainda bem que aliviaste essa capa da timidez e ousaste elevar o teu trabalho fotográfico a um nível mais alto dando-o a conhecer nas páginas do "Público" no suplemento de "Fugas" do mês de Fevereiro.

Excelentes imagens de Amarante e do Algarve ao pôr-do-sol. Os nossos parabéns. Ficamos à espera de uma reportagem fotográfica, a 'postar' no Facebook/Uniases, sobre o Alto Douro Vinhateiro de onde és natural.

Não há pressa… já agora uma passagem por S. Martinho de Anta, nos limi-

tes do teu concelho de Sabrosa, para nos contar coisas do "Negrilho e do Torga" com os olhos da tua câmara.

P. António Marques de Sousa G56
Comunica que, depois de 10 anos, deixei a comunidade espiritana da Mértola. Agora estou em Coimbra no trabalho da animação missionária nas Dioceses de Leiria/Fátima, Guarda e Lamego, principalmente.
Não o queremos privar desse gosto; é só uma questão de atualização de morada, coisa que o Tesoureiro já terá arrumado em pratos limpos.

Manuel Martins Barbosa V56
Foi com imenso prazer que recebi o Uniases 199, e tantos outros que o acompanhavam. Passei umas boas horas de paz e descontração.
O resto é conversa: fazemo-lo desinteressadamente e sempre com o propósito de chegar a todos os AA.
Não recebemos o texto que dizias fazer acompanhar a escrita para relembrar o passado e o presente.

José Peixoto Lopes V58
Agradeço o sempre desejado UNIASES que me enche de alegria e orgulho por tantos que seguindo outros caminhos continuam unidos.
Agora sou o Capelão da Misericórdia de Fafe; mais livre para os encontros sempre agradáveis que se venham a realizar passada que seja esta pandemia horrorosa.
Como ansiamos por esse dia em que sem restrições e efusivamente possamos encontrar-nos, estalando sonoros abraços.

Agostinho Pereira Pacheco V59
Recebido e muito obrigado. Em breve seguirá o meu contributo.
Nada de pressas. O que quiseres e quando quiseres; já sabes que o Tesoureiro tem paciência de Job e já registou o teu crédito.

Manuel António Geraldes G60
De Macau envia-nos testemunho sobre o P. José Pires, seu diretor nos anos de 60, recentemente falecido (Ver Testemunho pág .15)
Pela tabela, o castigo parece ter sido duro como grave parece ter sido o motivo que tal ocasionou; uma semana de joelhos no refeitório, enquanto os meus colegas almoçavam. É obra, a fazer lembrar castigos medievais ultrapassados. Não seria suficiente um castigo com uma componente pedagógica?
Nos tempos em que estive no seminário os castigos de maior peso manifestavam-se na obtenção de nota fraca em "comportamento", por regra um "9", ou na lavagem da loiça do meio-dia, com privação total ou parcial do recreio que se seguia. No mínimo, três dias seguidos…
Outros tempos, outra educação/formação.

Fernando Teixeira Cardoso G62
Cá recebi o Boletim e mais uma vez os meus sinceros agradecimentos, quer quanto às variadas notícias, quer quanto ao seu conteúdo. Fiquei deveras surpreendido com o falecimento do Padre Pires e com o facto de querer ser sepultado em Cabo Verde (isto é, onde exercia o sacerdócio). Os seus conselhos, vastos conhecimentos e o seu exemplo marcaram-me para toda a vida. Fui ao funeral do seu pai em Castelo do Neiva. Quero também pedir as minhas sinceras desculpas pelo facto de só agora (me ter chegado à frente). "Tardei mas não falhei".
E fizeste bem.

Nelson Martins Correia G64
Natural de Fontes/Stª Marta de Penaguião, conta que apesar de eu não ter andado muito tempo na congregação adorava os longos passeios das quintas-feiras que nem me apercebia da sua extensão. Também era verdade que a paisagem duriense ajudava e muito.
Sempre adorou a música. Escrevi esta canção em 1973 ainda com 19 anos de idade e ao longo dos anos foi amadurecendo até se tornar "vintage" para mim, pelo menos. Gravei-a na passada semana e ontem fiz o vídeo o melhor que pude com os modestos meios que possuo; já tinha editado este vídeo em 2013 por volta dos meus 60's mas resolvi editá-lo de novo melhorando-o um pouco e acrescentando a letra em subtítulos.
Vale bem a pena dar uma saltada ao Facebook/UNIASES para acompanhar o Nelson Gomes nas suas canções. Parabéns e sempre para a frente. Êxitos para as tuas composições/audições.

Manuel de Arrais Faria V66
Completados os estudos do Ensino Secundário com passagem pelos seminários de Viana do Castelo, Fraião e Silva...
A minha jornada levou-me até Lisboa (onde completei a licenciatura em Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa) e depois para o sul da Califórnia, entre Los Angeles e San Diego, onde fiz carreira no Departamento de Publicações Técnicas de todos os aviões da Boeing, durante 41 anos.
Agora, de passagem por Portugal, sinto saudades da minha jornada Espiritana. Brevemente, regressarei aos Estados Unidos/Califórnia... Depois… novo regresso (?) à minha Terra Natal. (Alvarães)
Há muito que te havia perdido o rasto. Nos anos 70 (e muitos) chegara-me aos ouvidos que trabalhavas no Casino do Estoril.
O teu generoso donativo será encaminhado conforme teu desejo.

António M Durães Barbosa V67
Notando que já estava fora do prazo do pagamento da sua quota anual, sensibilizou-nos a sua atitude com a aplicação de juros compensatórios pela minha ausência.
Não pedimos nada, tão pouco exigimos. Cada um paga quando puder, nada de multas, juros e coimas.

Víctor Martins Costa G68
Iniciou o seu trabalho no presente ano, com uma "Aguarela" de 50x50, sobre Coimbra dos seus amores a que deu o nome de Coimbra 2021 #1. Está no Facebook/UNIASES.
Expõe com assiduidade na Galeria de Arte Contemporânea à Rua Simões Castros, 134 – R/c, na baixa de Coimbra, nas imediações dos CTT da Fernão de Magalhães.
Todos estão convidados para uma visita, caso a ocasião se proporcione. (Facebook/UNIASES)

José Carlos Soares Brandão V68
Investigador da Escola de Economia e Gestão (EEG) da Universidade do Minho, criou um modelo que consegue reduzir custos e aumentar a eficiência na logística das empresas.
O seu algoritmo foi testado num vasto conjunto da literatura científica tendo reduzido em cerca de 1% a distância percorrida pelos veículos de distribuição relativamente às melhores soluções existentes.
Com este trabalho publicado no European Journal of Operational Research venceu o prémio da EEG de Investigação EEG2021.

(In Diário do MINHO/BRAGA de 12.03.21, pág. 8)
Esqueceram-se de dizer que este investigador era AA do Espírito Santo, natural de Cabreiros, de entrada no Curso de 1968/69, em Viana do Castelo.
Os nossos parabéns!

José Pinto Alves V69
Agradecia atualizassem base de dados com mudança de endereço e novo endereço de e-mail: zeleandro@live.com
Feito está, assim o espero; passarás a receber o UNIASES por essa via.

P. Manuel Passos Silva V73
Havíamos perdido o rasto deste nosso companheiro, natural de Castelo do Neiva, que nos diz haver frequentado o Ciclo preparatório no seminário das Ursulinas (Casa de Viana do Castelo) no ano de 1973, prosseguindo os seus estudos até ao fim da Filosofia, no Espadanido (Fraião)/Braga. Depois foi a passagem para o clero diocesano, sendo ordenado no ano de 1987. Como pároco estive 24 anos em Arcos de Valdevez (até Set de 2011), depois (de 2011 a 2018) em Refoios do Lima e desde aí em Barroselas/Carvoeiro, residindo na Rua da Feira 843, em Barroselas. (966 260 264)
Vou mantendo alguns contactos, essencialmente por necessidade de serviços pastorais, com os Espiritanos de Viana e agora da Silva. Traz-me sempre bastante alegria recordar as pessoas do passado, as histórias de então...E o Uniases consegue isso, em boa parte. Fazemos ou tentamos fazer por isso. Nada que agradecer, assumimos com gosto tal tarefa.
Suponho que o Tesoureiro já terá atualizado o ficheiro. O UNIASES será enviado por via digital em modo PDF a partir da presente data para o endereço eletrónico indicado.

António Torres Paço G80
Solicita o envio do UNIASES por e-mail em modo PDF.
Temos que pensar no meio ambiente e no custo.
Mais um ecologista, assim é que é.

Paulo Alexandre Teixeira Alves G82
Acho que o vosso trabalho tem mérito. Mas não estou interessado em receber correspondência, seja por email seja por CTT.
Desejo muito sucesso para a vossa causa.
De qualquer forma agradecemos as palavras elogiosas do trabalho que vamos fazendo. Quanto ao resto, o Tesoureiro já terá limpo a folha.

António Pedro Santil Mariz Silva F86
Entrei no Fraião no ano de 1986 para o 7.º, e saí no final do 12º na Silva no ano de 1992.
Poucas vezes participo, mas por culpa minha, e poucas vezes ajudo.
Agradeço a todos os que impulsionam a máquina dos Ases. Tenho a certeza que a malta mais nova, como eu, tem dado pouco, ou muito pouco.
Creio que a mudança no jornal, para eletrónico, será bom. É mais fácil guardar. E também se pouparão uns trocos.
Mais um ecologista!
Também proponho uma coisa: a transferência por MB Way, evitando, pelo menos a alguns, o pagamento de comissões pela transferência. Por agora nada feito, o Multibanco tradicional continuará a alimentar as transferências. Esquecer o MB Way pelos condicionalismos que nos querem impor.
Prosseguindo na sua narrativa: No seminário era conhecido pelo "Toninho". Sou GNR no Porto, desempenho funções no Destacamento de Ação Fiscal do Porto, conhecido por Mariz com o posto de Cabo-chefe (962 938 263).
Sempre haverá tempo para um café para quem passar junto à Alfândega do Porto e procurar no Posto da GNR Fiscal, (um edifício cor rosa velho).
Do Fraião recordo as magnas dos Ases (88 e 89, em junho), pois tínhamos que preparar o pavilhão, varrer, colocar mesas e bancos, pôr mesas, e depois servir o repasto. E se houvesse tempo, a meio da tarde, um joguito de futebol entre os alunos residentes e os antigos. O resultado não era combinado, mas por regra saldava-se por um empate.
De tudo, guardo fantásticas recordações e muito reconheço à Casa Espiritana (religiosos e colegas).
Fazemos votos para que tenhas levado por diante e com aproveitamento a tua dissertação de mestrado.
Quanto ao resto… Sempre ao dispor.

P. Hugo Mendes Ventura G87
Obrigado pela partilha de novidades. Abaixo as "fake news"!
Sempre abertos e prontos perante compromissos assumidos.

1920 - REPATRIAMENTO DE PESCADORES POVEIROS (1)

Manuel F. Faria Souto-V65

O ESTELENSE GOMES DOS SANTOS E A CAUSA DO REPATRIAMENTO DE PESCADORES POVEIROS NO BRASIL

A passagem do centenário de um acontecimento que marcou a história da Póvoa de Varzim, no primeiro quartel do século XX, merece ser assinalado. Trata-se do fenómeno económico, social e político, conhecido como Repatriamento de Pescadores Poveiros no Brasil, e assinalado na toponímia da Póvoa de Varzim, Lisboa e Porto.

A minha investigação procura contribuir para um melhor conhecimento da origem e desenvolvimento deste fenómeno, com repercussões a nível local e nacional. Para este estudo, tive livre acesso a documentos postos à minha disposição por Alberto Eiras Gomes dos Santos, a quem agradeço. Pude constatar que se assume como zeloso e devotado guardião do vasto espólio que seu tio, Manuel Gomes dos Santos, organizara em vida, a propósito deste movimento social. Acrescento que D. Daniel Junqueira, missionário da Con-

gregação do Espírito Santo e primeiro Bispo de Nova Lisboa (atual Huambo) também natural da Estela, foi contemporâneo e amigo do capitão e advogado Manuel Gomes dos Santos, cujo apoio aos pescadores poveiros é aqui lembrado e exaltado.

RESISTÊNCIA DOS PESCADORES POVEIROS AO PROCESSO DE NATURALIZAÇÃO BRASILEIRA

Na segunda década do século XX, cresce no Brasil um forte nacionalismo que defendia a nacionalização por completo dos mais diversos segmentos, desde a imprensa ao comércio e à pesca, dominados em grande parte por imigrantes portugueses e seus descendentes. No Rio de Janeiro, e a exemplo do que já ocorrera após a Proclamação da República Brasileira, em 1889, vivia-se uma nova fase do sentimento antilusitano.

O auge dos ataques contra a presença portuguesa, na vida nacional, ocorreu no governo do presidente Epitácio Pessoa, que, em 1919, incumbiu a Marinha de Guerra do Brasil de, em quatro anos, nacionalizar a pesca e regulamentar os seus serviços em todo o extenso litoral brasileiro. A missão, com programa traçado pelo ministro da Marinha, almirante Gomes Pereira, foi dada ao capitão-de-mar-e-guerra, Frederico Villar. Os objetivos eram reunir os pescadores em colónias cooperativas; profissionalizar os processos de pesca; proteger a fauna e a flora marinha, fluvial e lacustre; estimular o aproveitamento dos produtos aquáticos; criar escolas; fundar postos de saúde; promover o saneamento e a defesa de toda a costa do país e exigir a naturalização dos estrangeiros dedicados à pesca.

A pesca no Rio de Janeiro e no Pará estava, maioritariamente, em mãos de portugueses originários da Póvoa de Varzim, organizados, desde 1915, na "Associação Marítima dos Poveiros".

O governo de Epitácio Pessoa, interessado em fazer valer a naturalização, decidiu em agosto de 1920 que o título de pescador deveria ser obtido na Marinha, bastando, para isso, que o interessado apresentasse prova de que havia requerido a naturalização brasileira. Esta missão da Marinha foi dificultada pela oposição dos poveiros que se bateram com desmedida audácia.

Na obra Pescadores Portugueses no Rio de Janeiro a investigadora Alcida Rita Ramos defende que «o pescador poveiro possuía um senso de apego à pátria-mãe bastante arraigado, e a avaliação que fazia de si mesmo como pescador o diferenciava dos pescadores portugueses de outras regiões. Os poveiros são os melhores pescadores».

Para a Autora, esta atitude é a que mais comumente exprime o etnocentrismo poveiro. O orgulho que têm da sua perícia como pescadores contribuiu muito para que desenvolvessem estereótipos negativos em relação à qualidade da mão-de-obra brasileira e até mesmo portuguesa, de outras procedências. A consciência que têm de longa tradição piscatória da sua comunidade de origem, leva-os a fazer comparações entre a eficiência que é adquirida durante a vida inteira de um poveiro e a falta de jeito de alguns portugueses recentemente tornados pescadores, ou dos "incompetentes" brasileiros.

Em resumo, a lei de naturalização consentia que os pescadores estrangeiros, legalmente matriculados nas Capitanias dos Portos, continuassem a pescar, durante um prazo razoável, para requererem a naturalização e de seguida ser-lhes-ia dada a matrícula e o registo dos seus barcos e aparelhos. Os estrangeiros não matriculados, ou os que recusassem a naturalização, seriam impedidos de exercer a pesca em águas nacionais e teriam apreendidas as suas embarcações.

Para Frederico Villar, a lei brasileira não visou hostilizar nenhuma colónia estrangeira residente no Brasil, e muito menos a portuguesa, nomeadamente os pescadores poveiros. Estes foram apoiados nos seus propósitos pelos representantes diplomáticos de Portugal, no Rio de Janeiro, em especial pelo embaixador, no Brasil, Duarte Leite, por alguns deputados e pela imprensa, liderada por Paulo Barreto (João do Rio).

O desfecho do episódio da naturalização deu-se com a partida dramática dos pescadores poveiros para Lisboa, onde foram acolhidos como patriotas, heróis e, até certo ponto, mártires da hostilidade, da injustiça e da ingratidão dos brasileiros.

Entre a naturalização e o repatriamento, os poveiros recusaram a naturalização e preferiram o repatriamento.

RECUSA DA NATURALIZAÇÃO FORÇADA E REGRESSO À PÁTRIA PORTUGUESA

Em 2 de outubro de 1920, na sede da "Associação Marítima dos Poveiros", do Rio de Janeiro, houve uma reunião, a que presidiu César Marques Pereira, donde saiu um extenso comunicado, publicado no diário carioca A Pátria e reproduzido em A Voz da Póvoa, do qual transcrevo o seguinte extrato:

"Os pescadores portugueses da Associação Marítima dos Poveiros, do Rio de Janeiro, declaram renunciar desde o dia de hoje ao exercício da pesca, preferindo as vicissitudes a que os expõem esta resolução serem considerados como uma excepção à leal amizade que sempre uniu os brazileiros e os portuguezes. No sentimento dos rudes pescadores nunca poderia existir menos respeito pela terra amiga em que trabalhavam.

O seu procedimento de gente humilde e ignorante foi sempre de respeito à lei, observando como lhes cumpria, as instruções superiores da Superintendência dos Serviços de Pesca. Ressalvaram apenas o desejo de não renegar a sua Pátria para trabalharem como pescadores, profissão que exercem desde a idade dos oito anos, sem habilitações para outro offício. ***Nascidos pescadores, queriam os poveiros morrer pescadores, mas portugueses.***

Pensavam em sua ignorância que este desejo lhes será garantido pelas leis e que se podia consignar com os interesses sagrados do Brazil, ao qual serviam com o seu rude trabalho e ao qual dariam, se fosse preciso, o seu sangue.

(...) Na hora próxima da partida, os pescadores portuguezes agradecem de todo o coração à generosa imprensa e aos ilustres brazileiros que se compadeceram da sua sorte; e despedindo-se com saudade dos seus barcos e dos mares brazileiros saúdam o Brazil, onde muitos d´elles vivem desde a infância, que todos se acostumavam a amar e

respeitar; saudam as classes marítimas desta grande Nação e a nobre Marinha de Guerra brazileira.

(...) Teem a consciência os pescadores de que, no seu logar, todos os portuguezes que vivem nesta grande e generosa terra teriam o mesmo procedimento, sacrificando os seus interesses pela conservação inalterável dos sentimentos carinhosos que unem portuguezes e brazileiros.

A sua última palavra de saudade vae para os seus irmãos com os votos de que eles continuem a merecer a afeição que o Brazil sempre lhes dedicou." (sic)

E assim se deu início ao regresso destes patriotas, que gerou um ambiente de simpatia e de apoio em Portugal. A maioria da imprensa carioca criticou o movimento nativista e o governo federal pela sua intransigente atitude face aos pescadores poveiros. João do Rio, pseudónimo de Paulo Barreto (1881-1921), no Brasil, e João de Barros, em Portugal, surgem associados a iniciativas que buscavam a criação de uma comunidade luso-brasileira, num projeto de construção de uma "Lusitânia", ou uma "Atlântida", nome de uma revista que editaram entre 1915 e 1920, com o objetivo de promover a aproximação entre o Brasil e Portugal.

João do Rio combateu tenazmente aqueles que incitavam o ódio ao português e defendiam um nacionalismo xenófobo e lançou, em 15 de setembro de 1920, a primeira edição do jornal A Pátria.

Dada a exacerbação de ânimos pró e contra a expatriação dos pescadores poveiros, João do Rio foi alvo de uma agressão por parte de oficiais da Marinha Brasileira, atitude energicamente condenada em Portugal.

A este propósito, o presidente da Comissão Diretiva do "Ressurgimento Nacional", Manuel Gomes dos Santos, enviou uma mensagem a João do Rio, da qual cito:

"Tendo conhecimento da odiosa agressão de que V. Exª foi vítima, por defender a causa do estreitamento de relações luso-brasileiras e a livre escolha de nacionalidade por parte dos Poveiros lusitanos:

Saúda em João do Rio, o grande brasileiro e distintíssimo escritor que tão brilhante e generosamente tomou a defesa dos nossos concidadãos.

É grato ao "Ressurgimento Nacional" poder apresentar a V. Exª as homenagens de admiração e agradecimento, aproveitando o ensejo para endereçar ao Brasil, representado pelos brasileiros amigos de Portugal, as saudações mais afectuosas de confraternização."

João do Rio procurava em A Pátria reafirmar a sua decisão de apoiar e defender os portugueses, confirmando em diversos "bilhetes" a coerência da escolha. Argumentava que a sua carreira estava pautada na crença de que a relação entre brasileiros e portugueses era essencial para a autoafirmação brasileira e também sinónimo de patriotismo, pois, para ele, amar o Brasil implicava amar Portugal.

O seu patriotismo, como ele mesmo afirmou em diversos textos e discursos publicados e pronunciados ao longo da carreira, impelia-o a amar a herança cultural portuguesa, a incentivar o estreitamento de laços entre o Brasil e Portugal e também a apontar as semelhanças raciais e linguísticas como justificativas para o fortalecimento de parcerias culturais e económicas.

Em 1921, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim aprovou por unanimidade a atribuição do nome de Paulo Barreto (João do Rio) a uma das ruas do centro da cidade, (junto dos Paços do Concelho) significando, com essa distinção, a gratidão pela persistente campanha que aquele desenvolvera em defesa dos pescadores poveiros, no Rio de Janeiro.

(NR: A cidade do Porto demonstraria, mais tarde, o apoio à ousada atitude dos pescadores repatriados, homenageando-os na sua toponímia, dando o nome de "Praça dos Poveiros" ao antigo largo de Santo André. Note-se que na Póvoa de Varzim há uma avenida a que foi dado o nome do Repatriamento dos Poveiro nas imediações do estádio do Varzim).

Do mesmo modo, a cidade de Lisboa consagrou-lhe, em 1948, uma praça com um busto e uma frase sua esculpida no pedestal: «Nada me devem os portugueses por amar e defender portugueses, porque assim amo, venero e quero duas vezes a minha pátria.»

Trata-se de um depoimento revelador de que a sua relação com Portugal e com os portugueses não foi motivada por outros interesses que não os intelectuais e afetivos.

---

(1)Artigo completo e historicamente documentado com recurso a fontes fidedignas, inserto in BOLETIM CULTURAL, Vol. 52/2020, (pág. 55 a 73) - Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Nota: Atendendo à extensão do texto, fomos forçados a proceder à truncagem de parte do mesmo. Para quem estiver interessado, se assim o solicitar, ser-lhe-á enviado por via digital em modo PDF todo o excelente e criterioso artigo, a atiçar em nós uma memória histórica e sociocultural, de muitos desconhecida.

facebook

Pede adesão ao nosso grupo

UNIASES - União dos Antigos Alunos do Espirito

Informando: nome completo, ano de entrada e e-mail.

BOLETIM UNIASES VIA INTERNET

Enviar e-mail para:
uniases@sapo.pt ou
cunhapintobraga@sapo.pt

CANTINHO DA POESIA

A TOUPEIRA

Uma vez por ano
a toupeira chega de metropolitano
apeia-se na minha horta
e fica ali a espreitar à minha porta
Um pouco infeliz talvez
a toupeira
quase morre de timidez
e é por isso que é solteira
Mas como espreita por todo o lado
o desconfiado
do meu pai
diz que se trata de uma agente do FBI
e vem de enxada atrás dela
a ver se ela cai
na esparrela
Ora eu nunca vi uma espia
que sofra assim de miopia
Tenho por certo que ela gosta de mim
que eu bem a vejo do postigo
a rondar no meu jardim
e a querer falar comigo
Acho mesmo que no próximo ano
ela vai prolongar o metropolitano
e vai sair numa nova estação
debaixo do meu colchão
Vou então emprestar-lhe umas lentes
e juntos muito contentes
sentadinhos no meu quarto bem tranquilo,
vamos ler a história do Pinóquio e do seu grilo
de modo que a toupeira fique a saber algo do seu vizinho
que também anda de metro e vive num buraquinho
Talvez a partir desse momento
ela aceite marcar o casamento
e partir numa viagem nupcial
com o tal grilo do Pinóquio
no metropolitano intercontinental
até Tóquio.

Anthero Monteiro – V56

TESOURARIA
JANEIRO / MARÇO 2021

N.º	Nome	Conta	Montante
2152	Agostinho Artur Ricardo	QUOTAS	30,00 €
2391	Agostinho Pereira Pacheco	QUOTAS	50,00 €
3115	Alberto Jerónimo Silva Santos	QUOTAS	20,00 €
133	Alfredo A. C Saldanha- D Arminda	QUOTAS	50,00 €
177	Américo Pinho Matos	QUOTAS	50,00 €
192	Angelo Pereira Sarmento	QUOTAS	50,00 €
206	António Albérico Meireles	QUOTAS	200,00 €
241	António C. Oliveira-Moçambique	MOÇ,	100,00 €
241	António Coelho Oliveira	QUOTAS	100,00 €
3389	Antonio Jorge Oliveira Faria	QUOTAS	20,00 €
2581	António José Sampaio Mac. Silva	QUOTAS	20,00 €
369	António Miranda Gregório-D. Aurora	QUOTAS	20,00 €
2752	António Moreira Ferreira	QUOTAS	100,00 €
1774	António Orlando Silva Pereira	QUOTAS	30,00 €
2753	António Pedro Pinto	QUOTAS	20,00 €
3123	António Salgueiro Santos	QUOTAS	25,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €
3089	Armando José Matos Jeremias	QUOTAS	25,00 €
474	Armindo Martins Vilaça	QUOTAS	50,00 €
2320	Avelino Campos Marques Barros	QUOTAS	50,00 €
2934	Avelino Conceição Marques Costa	QUOTAS	25,00 €
534	Boanerges Fonseca Borges	QUOTAS	50,00 €
2972	Bruno David Borges Canelha	QUOTAS	50,00 €
2793	Domingos Macedo Barbosa	QUOTAS	100,00 €
1953	Custodio Jose M.Azevedo Soares	QUOTAS	50,00 €
707	Eusébio José Lopes	QUOTAS	100,00 €
754	Fernando Silva Gomes	QUOTAS	15,00 €
756	Fernando Teixeira Cardoso	QUOTAS	60,00 €
822	Francisco Sousa Martins	QUOTAS	20,00 €
3238	Hugo Miguel Esteves Rego	QUOTAS	20,00 €
886	Isidro Manuel Amaral Linhares	QUOTAS	50,00 €
950	João Maria Silva Freitas	QUOTAS	25,00 €
970	Joaquim Alexandre Ferraz L. Silva	QUOTAS	150,00 €
1021	Joaquim José Azevedo Moreira	CEPAC	500,00 €
1021	Joaquim José Azevedo Moreira	IRMÃS	500,00 €
3268	Jorge Carlos Gonçalves Ant. Gomes	QUOTAS	20,00 €
2055	Jorge Manuel Relvas Soares	QUOTAS	20,00 €

N.º	Nome	Conta	Montante
1163	José Conceição Silva	QUOTAS	40,00 €
1171	José Custódio Lopes	QUOTAS	100,00 €
1171	José Custódio Lopes	QUOTAS	250,00 €
1171	José Custódio Lopes	QUOTAS	150,00 €
1200	José Gabriel Martins Marques	QUOTAS	20,00 €
1286	José Maria Leal Gonçalves	QUOTAS	20,00 €
1330	José Peixoto Lopes Pe.	QUOTAS	100,00 €
2256	José Rodrigues Sampaio	QUOTAS	30,00 €
1412	Luis Andrade Barros	QUOTAS	30,00 €
3107	Manuel António Machado Afonso	QUOTAS	40,00 €
3032	MAF	QUOTAS	100,00 €
3032	MAF	BOLSA	250,00 €
3032	MAF	CEPAC	50,00 €
2271	Manuel Fernandes Reis	QUOTAS	15,00 €
2008	Manuel Gonçalves Cunha	QUOTAS	20,00 €
1569	Manuel Joaquim Couto Pereira	QUOTAS	50,00 €
2078	Manuel Martins Barbosa	QUOTAS	10,00 €
1648	Manuel Ribeiro Mendes	QUOTAS	50,00 €
1709	Mário Neiva Viana	QUOTAS	25,00 €
1776	Oscar Sousa Maia	QUOTAS	20,00 €
1808	Quintino Soares Ferreira	QUOTAS	20,00 €
2185	Rafael Fonseca Meireles	QUOTAS	30,00 €
1816	Raul Azevedo Saleiro	QUOTAS	20,00 €
	TOTAL		**4 225,00 €**

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 31-03-2021	404	8.080,00 €
Ofertas	52	0,00 €
Para distribuição	64	

EDITORA MAAES CROWDFUNDING
CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35 (*Extrato 19*)

	Saldo anterior (Uniases 199)		**3.606,87 €**
36	MAF	Ás 3032	**100.00 €**
SALDO MAAES na conta ASES			**3.706.87 €**

NOTÍCIAS TRISTES...

P. Joaquim Pereira Francisco

Natural da Caranguejeira/Leiria, onde nasceu a 25 de junho de 1943, faleceu com 77 anos na Casa de Saúde da Idanha (Belas/Sintra) das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, na Idanha.

Admitido como candidato à vida sacerdotal e missionária na Congregação do Espírito Santo, começou os seus estudos de formação no ano letivo de 1954/55 no seminário de Godim, tendo prosseguido a sua formação académica no Seminário do Fraião até conclusão do 3º ciclo dos Liceus no ano de 1960/61.

Por estar a ser construída a nova casa do Noviciado da Silva, entrou no Noviciado na Torre d'Aguilha no ano de 1961/62, onde emitiu os seus primeiros votos em 8 de março de 1963, tendo depois concluído o Curso de Filosofia e de Teologia. Foi ordenado sacerdote em 6 de julho de 1968 no Seminário da Torre d'Aguilha.

Em outubro de 1968 é enviado para Angola com destino ao Seminário do Jau/Sá da Bandeira, hoje Lubango.

Em outubro de 1969, foi para a Missão Católica da Mupa, no sul de Angola (Província do Cunene); por motivos de saúde foi forçado a regressar a Sá da Bandeira (Lubango), prestando assistência religiosa na Sé. Em 1972 voltou ao seminário do Jau, para ser professor e, em 1973, ainda voltou aos Cuanhamas, à Missão de Cafima.

Com a independência de Angola, a 11 de novembro de 1975, regressou a Portugal, como tantos outros espiritanos. Em 1976, foi enviado para o Brasil, para Rio Bonito, no Estado de Rio de Janeiro, regressando a Portugal no ano seguinte.

Em julho de 1980, seguiu para Providence - Estados Unidos, tendo-lhe sido confiada a comunidade de imigrantes de Cabo Verde aí residente.

Em fevereiro de 1985 é nomeado como reitor e responsável da Igreja do Imaculado Coração de Maria em Central Falls no estado norte-americano Rhode Island a quem presta serviços de pastoral e assistência religiosa até ao ano de 1997, data em que regressa a Portugal sendo colocado no seminário do Fraião, em Braga, para colaborar com os confrades na pastoral paroquial e no apoio aos confrades doentes e idosos, conduzindo-os ao médico. A todos procurou servir com disponibilidade, paciência, dedicação e compreensão, granjeando, na curta passagem pela comunidade do Fraião, a simpatia de todos.

Em 2010, quer em Godim quer na Torre d'Aguilha/S. Domingos de Rana está inserido nas comunidades cristãs locais colaborando na pastoral da vida comunitária e paroquial.

Desde 2011 assumiu, ininterruptamente, uma página de 'cruzadismo" no jornal "Ação Missionária", cuja técnica havia aprendido nos anos qua havia passado no seminário do Jau, na companhia do já falecido e seu confrade P. José Maria Azevedo Moreira, sendo de salientar a grelha simétrica e pré-definida das quadrículas dos problemas apresentados.

Irmão de Luís Pereira Francisco, Antigo Aluno espiritano de Godim 1959/60.

Depois de uma intervenção cirúrgica, em 2020, para remover dois tumores do intestino que apressaram a sua dependência pessoal e comunitária, acabaria por ser internado, por breve estadia, no Hospital das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus.

Foi a sepultar no cemitério dos Soutos, (Caranguejeira/Leiria) no dia 15 de janeiro de 2021, observados que foram os constrangimentos impostos pelos tempos de pandemia e confinamento.

D. Benedito Roberto

Na noite de domingo, 8/11, no Hospital de Malange, partiu para a Casa do Pai Dom Benedito Roberto, Arcebispo de Malange, não resistindo ao cancro que o apoquentava e a que associou o novo coronavírus.

Nascido a 5 de novembro de 1946 em Mussende, província do Kwanza Sul, ingressou na Congregação do Espírito Santo nos idos anos 60, na Obra dos Irmãos. Depois do Noviciado, concluído no Fraião no ano de 1967, emitiu os seus primeiros votos na Congregação do Espírito Santo como Irmão auxiliar, em setembro de 1968. Após realizar e completar os estudos secundários foi colocado em Malange.

Entre 1977 e 1981 completou o curso de Filosofia e Teologia no seminário Maior de Cristo Rei do Huambo, sendo ordenado de presbítero, em Malange, a 18 de outubro de 1981, colocado no Seminário Menor do Espírito Santo, no Huambo.

Após formação específica recebida durante um ano em Paris, foi nomeado Mestre de noviços no Noviciado Espiritano de Angola (Munhino/Lubango).

Em 30 de dezembro de 1995 foi nomeado Bispo de Sumbe (Novo Redondo), sendo consagrado Bispo em 25 de fevereiro de 1996 por D. Félix del Blanco Prieto, então Núncio Apostólico.

Em 19 de março de 2012, o Papa Bento XVI nomeou-o como novo Arcebispo de Malanje.

Dom Benedito distinguiu-se pela sua bondade, sinceridade, afabilidade, oração e grande amor à Igreja.

O seu funeral foi marcado pelos constrangimentos impostos pela pandemia. Aconteceu na manhã do dia 12 com a celebração de Missa Campal presidida pelo Presidente da Conferência Episcopal de Angola, D. Filomeno Vieira Dias. Foi a sepultar num novo espaço preparado para ser o cemitério das vítimas da Covid-19, na periferia da cidade de Malange.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor os acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 1196 – José Francisco Afonso
Natural de Vilarinho de Galegos/Mogadouro onde nasceu em 2 de setembro de 1944, faleceu em 25 de abril de 2017 com a idade de 72 anos, residente que foi em Vila Nova de Famalicão. (Informação de sua filha Maria do Rosário). Do Curso de 1956/57, em Godim.

AS 3005 – Orlando Manuel Reis Morais
Natural de Salzedas/Tarouca onde nasceu em 3 de junho de 1954, faleceu em 16 de dezembro de 2020, residente que era em Gondomar, com a idade de 56 anos. Do Curso de Godim do ano letivo de 1966/67. (Informação de sua esposa/viúva)

AS 1894 – Tomás António Freitas Magalhães
Natural de Rio de Galinhas/Marco de Canavezes, faleceu com a idade de 81 anos em Vila Nova de Gaia, onde era residente. Do Curso de 1949/50, em Godim. (Comunicação de seu filho).

AS 1391 – Laurindo Araújo Oliveira
Natural de Cervães/Vila Verde, faleceu com 82 anos de idade em Santo Adrião/Braga, onde era residente, em 22 de fevereiro de 2021. Foi a sepultar no cemitério de Cervães. Em vida, exerceu a profissão de profes-sor e como tal era tratado e acarinhado. Do Curso de 1951/52, em Godim. Irmão do Ás Aurélio Araújo Oliveira, do curso de Viana 1956/57.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMES A TODOS OS FAMILIARES.

TESTEMUNHOS
NO FALECIMENTO DO P. JOSÉ PIRES

Dia de Passeio Grande, almoço no Pinhal - Fraião anos de 1960. Aguardando hora de almoço. Em primeiro plano: P. José Pires

Entrou no Seminário dois anos antes de mim, em 1942; mas tendo ido lecionar no Seminário Menor durante os estudos, concluiu a Teologia no meu ano e terminámos juntos a formação, com a Consagração ao Apostolado, a 07 de Julho de 1957 na Torre da Aguilha.
Quando em finais de Outubro de 2020 se despediu, ao partir para Cabo Verde, disse sentir-se cansado e com problemas de saúde, mas que queria celebrar em Cabo Verde os seus quarenta anos de vida consagrada a Cabo Verde. Deus o chamou; mas deixa-nos o testemunho de uma vida de trabalho e de amor à Congregação e a Cabo Verde. Deus lhe dá a recompensa!

Pe. Casimiro Pinto de Oliveira

Fiquei deveras surpreendido com o falecimento do Padre Pires e com o facto de querer ser sepultado em Cabo Verde onde passou os últimos dias de sua vida como missionário.
Os seus conselhos, vastos conhecimentos e o seu exemplo marcaram-me para toda a vida.

Fernando Teixeira Cardoso

Que saudades e que tristeza este desaparecimento de quem foi nosso (meu) diretor no Fraião.

Anthero Monteiro da Costa

Uma lufada de ar fresco que invadiu o Fraião nos princípios dos anos de 60 com os seus métodos de formação e compreensão das traquinices dos mais novos. Frontal: não guardava rancor nas suas palavras, numa linguagem popular peculiar do meio agrário onde crescera, costumava dizer: "conheço as vacas com que lido". A frase ganhou direitos de autor, o que lhe valeu, em surdina, o epíteto carinhoso que, à socapa, lhe foi atribuído: "O Lavrador".

Alberto Ribeiro de Melo

O Padre Pires era meu Diretor em 1966, frequentava eu o 6º ano no Pavilhão Norte do Fraião. Por travessuras e provocações minhas, fui por ele expulso do Seminário sem que antes tivesse que suportar severo castigo de uma semana de joelhos no refeitório enquanto os outros companheiros/colegas almoçavam. Deixei o Seminário, de regresso a minha casa, ao romper da aurora do dia 06/06/66.
Desde essa madrugada nunca mais o vi, nem o contactei. Não lhe guardo mínimo rancor pelo severo castigo merecido que valera a tão ansiada expulsão. Passei duas vezes por Braga e dei um saltinho até lá cima ao Fraião, especialmente para saber notícias dele. Fiquei a saber que "assentara arraiais" em Cabo Verde.
Foi um homem marcante na minha formação nos primórdios da minha juventude e recordo-o como um bom educador, inteligente e muito bom Homem! Vou recordá-lo sempre assim e com harmoniosa saudade.

António Manuel Geraldes, em Macau.

ESTANTE

VALTER HUGO MÃE

Por Joaquim Moreira

Há muito que se me impunha escrever sobre Valter Hugo Mãe. Tive mesmo uma crónica pronta, mas ela se perdeu nas malhas manhosas do electrónico, mundo que muito me baralha. Era preciso voltar ao escritor com quem há muitos anos, em Famalicão, pudera trocar breves palavras no final de uma conferência que ali viera fazer certamente sobre livros. Sabia que ele tinha nascido em Angola, na minha cidade de Henrique de Carvalho, Saurimo, o preferido nome indígena, onde então me encontrava "em missão", e sugeri-lhe que até poderia ter sido eu a baptizá-lo. "Respondeu-me" mais tarde através de reportagem na internet em que postava uma foto do seu baptismo com o padre Henrique a manobrar as águas, padre Henrique, o popular Samussuko, em quioco, pela sua imponente envergadura. De lá para cá acompanho-o sobretudo nas suas "autobiografias imaginárias", crónicas no quinzenário JL, jornal de letras como toda a gente sabe. Ele escreve também semanalmente no Magazine dominical do Jornal de Notícias, mas isso só leio de longe a longe, não se pode ir a todas e é grande felizmente a variedade possível e passível de leituras.

Aparece agora com um original CONTRA MIM, memórias da sua infância e adolescência, à porta da idade adulta. Porquê contra mim? Dá que pensar. O título escolhido para o livro é o de um capítulo com mesmo nome, estará sobretudo aí a explicação. Ao escrever hoje, aos cinquenta anos, reconhece "não sou mais o menino de belíssimas intenções que fui, essa criança de uma pureza que me inspira, mas quero muito ser ao menos a memória dela. Repeti mil vezes que já não sou boa pessoa, mas quero muito ser a memória de uma boa pessoa". Percebendo embora o conflito que se gera na transição das idades, peço desculpa mas o Autor é muitíssimo mais que uma memória das belíssimas intenções do menino e da boa pessoa que diz ter sido, acho mesmo que ele continua guardando e cultivando a singular criança que foi, e continua sendo uma excelentíssima pessoa. A personalidade de Valter Hugo Mãe espraia-se por um mar de transparência e nela se movem todas as características do ser humano, simplesmente humano, preocupado com isso mesmo, tudo aquilo que faz de nós pessoas, dignas, atentas, cultas, bem formadas, sociáveis, conscientes da natureza da nossa existência e portanto da nossa missão na terra e destino comum. Nem é muito frequente ver escritores discorrerem com tamanha franqueza de coisas tão elementares mas tão essenciais. O comum dos terráqueos pode mesmo achar que isso é pieguice, e passar adiante, afinal o que conta é o sucesso, o dinheiro, a aparência, o estatuto. Por isso Valter Hugo Mãe encanta pequenas multidões atentas, da multidão dos distraídos não reza a história.

Dizer que valter hugo mãe (antigamente ele escrevia só com minúsculas) não anda no mundo por ver andar os outros pode parecer afirmação inócua, mas eu acho mesmo que isso indicia tudo o que há de mais importante num ser humano. Pessoa comum, não se resigna a ser igual aos outros, antes põe seu enorme talento literário e humano ao serviço da melhoria dos comportamentos, digamos que é uma missão de todos os dias e de todas as circunstâncias. E fá-lo do modo mais transparente, baste-nos não ter problemas em escrever que vai todos os dias passear o cão pelas veredas das suas Caxinas, ele que há décadas tem o privilégio de ali ser companheiro do mar.

E já que é grande a minha admiração por esta figura pública de escritor e porque interessa sempre procurar os fundamentos para a admiração de seres humanos tão especiais, dou muitas vezes por mim a imaginar Valter Hugo Mãe na peregrina figura de padre, acho que podia ter sido padre, padre católico, muito mais que os chamados pastores de tantas outras religiões que por aí andam. Não interessa agora o que os padres foram através dos séculos, frequente cortejo de hipocrisias e aberrações de vária ordem, mas a universal missão da guarda da verdade e da moral que essa, sim, parece continuar actual e necessária. Regresso aos anos sessenta do século passado quando li religiosamente "Os Irmãos Karamazov" de Dostoievski e guardei para sempre a figura do staretzi a que recorriam os torturados pelas crueldades da vida, há sempre um conselheiro à nossa espera. Vejo Valter Hugo Mãe como um staretzi para os tempos actuais muito mais do que como um (António Sousa) Homem preocupado com "Os Males da Existência". Às vezes parece pessimista, mas há lucidez nas suas intervenções, são mesmo de "salvação" as suas palavras, não aquela que implica o céu ou o inferno (e, já agora, o limbo e o purgatório), mas a da dignificação desta vida por vezes tão cruel.

Vida longa e feliz, portanto, para Valter Hugo Mãe e para todos os válteres, todos os hugos e todas as mães que o merecem.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:
A.Carvalheira-UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS
uniases@sapo.pt

Presidente:
969 690 551 / 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:
919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35
CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo
ou Ás n.º_____